

O corpo como mestre

Antigamente as crianças faziam fila na porta do colégio para mostrar se estavam com os uniformes em perfeito estado. Hoje elas fazem fila para tirar os sapatos. Sinal dos tempos. O resultado, garantem os defensores da iniciativa, é mais entrosamento e descontração na sala. Tanto que nem mesmo a professora recusa a doce sensação de frescor nos pés — livrando-se do aperto e inconveniência do sapato de salto.

E não são apenas os alunos descendentes de orientais — já acostumados a tirar sapatos até na hora de refeição — que não se assustam com a novidade —. Até o mais típico dos brasileiros mostra que os japoneses têm razão. “Tirar o sapato é bom, o pé esfria na hora do calor”, comentou o pequeno Denilson Siqueira Carvalho, 7 anos.

METODOLOGIA

Assistir à aula descalço é, na realidade, apenas um dos detalhes da chamada Metodologia de Abordagem Vivenciada para o nível de alfabetização, adotada pela Fundação Educacional, experimentalmente, em 1981, primeiro no Núcleo Bandeirante e posteriormente em outras satélites. Hoje, a Escola-Classe 17,

no Setor Sul do Gama, dentre outras, segue à risca a metodologia inovadora e não dispensa o detalhe da falta de sapatos. Utiliza o método em todas as cinco turmas do ciclo básico de ensino — que inclui a 1ª e 2ª séries.

As crianças são alfabetizadas a partir do conhecimento do próprio corpo, e depois, aprendem as palavras referentes às partes estudadas. Essas palavras abrirão o horizonte para a formação de sílabas e outras palavras, além de frases, orações e composições. Para o conhecimento do corpo, o pé descalço tem efeito importante. “A criança sente melhor seu corpo, tem mais firmeza e sensibilidade”, defende a diretora da escola, Encarnação Pereira Nunes.

Segundo ela, a experiência com a metodologia tem sido “muito bem bem-sucedida”. A primeira turma a experimentá-la era formada quase que totalmente por alunos repetentes (alguns com quatro anos de repetência), vindos do método tradicional do ensino. A adaptação das crianças foi tanta, de acordo com a diretora, que a grande maioria dos alunos foi aprovada com bom rendimento.

Explica ainda que as crianças só ficam descal-

ças dentro da sala de aula. Todas as vezes em que saem, até para o corredor, devem colocar o tênis ou sapato. Os que têm gripe, ou algum tipo de problema respiratório, ficam de meia ou, dependendo do caso, permanecem calçados. “No início do ano, alguns pais estranham ao saber que os filhos assistem à aula sem sapatos. Mas fazemos uma reunião sempre, esclarecemos tudo e eles passam a entender”, afirmou Encarnação.

Segundo ela, o ideal seria que toda escola tivesse uma sala própria para psicomotricidade — cuja aplicação é característica da Metodologia de Abordagem Vivenciada.



Sapatos: desnecessários

Como a demanda de alunos nas escolas não oferece tal possibilidade, as crianças fazem os exercícios na própria sala da aula.

Mas não é apenas na hora de exercícios corporais que os pés ficam descalços. O hábito é mantido mesmo na hora dos exercícios escritos: entrou na sala, tirou o sapato — e assim fica até a hora de sair. “Aumenta tanto a minha produção quanto a deles. As crianças ficam mais à vontade, e eu fico descalça também para haver maior entrosamento”, ressaltou uma das professoras que aplica o método, Gislene Maria de Moraes, acrescentando que nem por isso tem mais, ou deixa de ter, problemas de indisciplina. Nessa questão, garante, pouco mudou.

As crianças, sem entenderem perfeitamente o motivo de inovação são praticamente unânimes ao dizer que preferem assistir às aulas sem o sapato. Dividem, no entanto, as opiniões quanto ao porquê da preferência: “Não suja a sala, fica limpinha e os funcionários não precisam fazer muita coisa”, disse Carlos Alessandro Alcântara, 8 anos. A colega Marlene Lopes, da mesma idade, é adepta do pé descalço porque “ajuda a estudar mais”.